

PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA PROFESSORES QUE ENSINAM O ALFABETO PORTUGUÊS AOS ALUNOS COM MAIOR FLUÊNCIA EM LÍNGUAS NACIONAIS

Autor: Luís Cuvinge Morça | luiscuvingemorca1234@gmail.com | Graduado em Ensino Primário, Instituto Superior Politécnico da Caála.

Autor: Agostinho Cristóvão Diogo | cristovaoadiogo2017@gmail.com | Mestre em Ciências da Educação, Instituto Superior de Ciências de Educação-ISCED-Huambo, ORCID: 0000-0003-2544-4604.

Recebido: Novembro, 2025 | **Aceite:** Dezembro, 2025 | **Publicado:** Janeiro, 2026

RESUMO

O presente artigo aborda a lacuna metodológica no ensino do alfabeto português para alunos do Ensino Primário em Zonas Rurais, onde as línguas nacionais são predominantes. A relevância do estudo surge da constatação do baixo aproveitamento escolar nessas regiões, um problema directamente ligado à dificuldade dos professores em lecionar em contextos multilingues sem o devido suporte didáctico. O objectivo da pesquisa é fornecer aos docentes metodologias eficazes e adaptadas que lhes permitam superar as barreiras linguísticas e melhorar o processo de aprendizagem. A intenção é que os professores se sintam mais seguros e equipados para actuarem em ambientes onde a língua portuguesa é, frequentemente uma segunda língua para os alunos. A natureza do estudo

é descritivo com uma abordagem quali-quantitativa, combinando a análise de dados numéricos com a discussão aprofundada das práticas pedagógicas e contextuais. A investigação contou com a participação de 141 elementos, englobando professores do Ensino Primário e alunos das zonas rurais, permitindo uma análise abrangente da dinâmica de ensino-aprendizagem. Os resultados alcançados destacam a importância crítica dos professores compreender novas metodologias de ensino do alfabeto. O uso dessas línguas vernáculas não apenas preenche uma necessidade literária, mas se constitui como uma ferramenta pedagógica essencial para mediar a aprendizagem do alfabeto português, garantindo, assim, uma aprendizagem mais eficaz e contextualizada.

Palavras-chave: Ensino do Português, Línguas Nacionais, Metodologia de Ensino do alfabeto.

ABSTRACT

The present article addresses the methodological gap in teaching the Portuguese alphabet to Primary Education students in rural areas, where national languages are predominant. The relevance of the study arises from the observation of low academic performance in these regions a problem directly linked to the difficulty teachers face when teaching in multilingual contexts without adequate didactic support. The research aims to provide teachers with effective and adapted methodologies that enable them to overcome linguistic barriers and improve the learning process. The goal is for teachers to feel more confident and better equipped to work in environments where Portuguese is often a second language for students. The nature of

the study is descriptive, with a qualitative-quantitative approach, combining numerical data analysis with an in-depth discussion of pedagogical and contextual practices. The research involved 141 participants, including primary school teachers and students from rural areas, allowing for a comprehensive analysis of the teaching-learning dynamic. The findings highlight the critical importance of teachers understanding new methodologies for teaching the alphabet. The use of vernacular languages not only fills a literacy gap but also serves as an essential pedagogical tool to mediate the learning of the Portuguese alphabet, thus ensuring more effective and contextualized learning.

Keywords: Portuguese Teaching, National Languages, Teaching Methodology, Alphabet

INTRODUÇÃO

A aprendizagem constitui uma etapa essencial e esperada por todo professor, pois é o elemento central para avaliar os resultados obtidos após um processo de ensino. Nesse sentido, novas propostas metodológicas são apresentadas com o objectivo de tornar o ensino mais significativo e alinhado às actuais exigências sociais.

No contexto educacional, é fundamental compreender que existem regiões em que o conceito de ensino exige do professor uma atenção e um cuidado redobrado. Isso ocorre porque muitos alunos enfrentam dificuldades para alcançar avanços significativos no processo de aprendizagem, devido a obstáculos como a falta de compreensão dos dígrafos do alfabeto português, a limitada fluência dos professores nas línguas africanas que, em muitas comunidades rurais, são as línguas predominantes e o facto de os materiais escolares serem elaborados integralmente na língua portuguesa.

Este artigo vem apresentar as principais dificuldades que comprometem a assimilação escolar dos alunos em contextos rurais e, propor metodologias que

possam auxiliar na superação dos desafios enfrentados pelos professores durante o processo de ensino e aprendizagem nos alunos. Além disso, busca oferecer ferramentas metodológicas capazes de aprimorar a prática docente dos professores que actuam nesses contextos específicos.

Diante do exposto, elencamos a questão de investigação que norteia a investigação:

Quais são as metodologias mais eficazes para facilitar o processo de ensino e aprendizagem do alfabeto português entre alunos de zonas rurais com maior fluência em línguas nacionais?

A importância deste estudo está na sua contribuição para melhorar as práticas metodológicas no campo da educação, ajudando os professores a compreender e aplicar novas abordagens pedagógicas de forma mais eficaz. Assim, espera-se que os alunos desenvolvam uma aprendizagem mais sólida e significativa do alfabeto português, tornando-se capazes de participar activamente e dar respostas aos desafios sociais que enfrentam nas suas comunidades.

Esta investigação contribui para a comunidade cientí-

fica e para as instituições escolares, uma vez que busca minimizar as dificuldades de aprendizagem observadas em alunos fluentes em línguas locais nas zonas rurais. Além disso, pretende preencher lacunas identificadas na literatura, especialmente no campo da didáctica voltada para professores que lecionam em contextos multilíngues, propondo soluções práticas e inovadoras.

Questão de investigação

A questão que norteia este trabalho cinge-se no seguinte: Quais são as formas metodológicas eficazes que possam facilitar o processo de ensino e aprendizagem do alfabeto português nos alunos em zonas rurais com maior fluência em línguas nacionais?

Justificação

A importância deste estudo está fundamentada na sua contribuição em aprimorar os aspectos metodológicos na área da educação, garantido que os professores consigam assimilá-los e lecionarem com mais confiança para que os alunos deia passos significativos na aprendizagem do alfabeto português de modos que consigam intervir nos problemas sociais que os cercam. Deste modo este trabalho trará valência tanto para a comunidade científica quanto para Instituições escolares, com vista a minimizar os problemas de aprendizagem verificado nos alunos fluentes em línguas nacionais em comunidades rurais. Além disso, a pesquisa busca preencher lacunas identificadas na literatura, como didáctica de ensino para professores que lecionam em zonas rurais, e propor soluções práticas e inovadoras.

Objectivo Geral

Propor metodologias que facilitem o ensino do alfabeto português aos alunos com maior fluência em línguas nacionais, promovendo uma aprendizagem mais inclusiva e significativa.

Objectivos Específicos:

Analisar os métodos de ensino utilizados pelos professores nas aulas em zonas rurais.

Avaliar o nível de aprendizagem dos alunos em zonas rurais, identificando as dificuldades na assimilação dos conteúdos, com foco no alfabeto portu-

guês.

Propor metodologias didácticas eficazes para auxiliar os professores no ensino do alfabeto português aos alunos em zonas rurais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial constitui uma base essencial para fundamentar o estudo, permitindo a contextualização e o aprofundamento sobre os principais conceitos, teorias e debates relacionados ao tema em análise.

2.1. Formas de ensino utilizado pelos professores em zonas rurais

Podemos afirmar a ideia de que os professores em zonas rurais são extremamente diferentes dos professores que actuam em regiões urbanas. Existe um grande desafio tanto para um como para o outro, mas os contextos são diferentes e é mais desafiador para o professor em zona rural. Uma pesquisa feita nas Zonas de Intervenção Pedagógica (ZIP), enfatizava que:

Aqui na zona Rural, somos obrigados a improvisar com material local e por isso é impossível trabalhar adequadamente. Sem material adequado não se pode esperar um bom resultado (Grilo et al.; 2018, p 34).

Além dos problemas que os professores enfrentam nas zonas rurais, como apontado pelos autores acima mencionado, o grande desafio dos professores nessas zonas não está só na aquisição de materiais diácticos, que são ferramentas que dinamizam o processo de ensino -aprendizagem nos alunos, no entanto, o professor encontra também dificuldades de se comunicar na língua dos seus alunos. O professor e os alunos têm divergência de comunicação no sentido de que o professor é fluente em língua portuguesa e o aluno em umbundo e o aluno tem como língua materna a língua umbundu, um dialécto da região centro e sul de Angola.

No que diz respeito o artigo 12º do nº 1 e 2 da lei 17/16 de 7 de Outubro, Lei de Bases do Sistema de Educação e ensino, declara que:

A obrigatoriedade da Educação traduz-se no dever do Estado, da sociedade, das famílias e das empresas, de assegurar e promover o acesso e a frequência ao Sistema de Educação e Ensino a todos os indivíduos em idade escolar. A obrigatoriedade da Educação abrange a classe da iniciação, o Ensino Primário e o I Ciclo do Ensino Secundário ((Lei n.º 17/16, 2016, Art. 12.º)

A obrigatoriedade educacional como um dever coletivo do Estado, da sociedade, das famílias e das empresas, objectiva garantir o acesso e a frequência de todos os alunos. A obrigatoriedade abrange um total de dez anos de escolaridade, que vão desde a Classe da Iniciação até a conclusão do I Ciclo do Ensino Secundário.

Por conta das novas exigências de ensino, novas metodologias veem surgindo com o propósito de ajudar os professores a lecionar com mais abertura e segurança, visando a aprendizagem dos alunos conforme diz Pereira et al., (2019, p. 85) que, “Métodos ou metodologias de ensino são as formas de organização de um currículo, ou seja, a seleção e sequenciamento do material a ser apresentado ao aluno”.

Afinal de contas como é que os professores das zonas rurais têm ensinado os alunos em contextos já mencionados acima? e lembrando outra vez, a maioria da comunidade rural cresce falando sua língua nativa que têm, na sua maioria, “a língua Bantu como língua materna”. A Lei de Bases do Sistema de Educação (Angola, 2001), no seu artigo 9º, declara que: “O ensino nas escolas é ministrado em língua portuguesa”. Com essa declaração concordada em unânime pela Assembleia Nacional de Angola, todos os professores devem ensinar os seus alunos tendo como base do diálogo na sala de aula a língua portuguesa. O que significa que independentemente dos do contexto social dos alunos, os materiais de ensino devem ser todos eles elaborados em língua portuguesa.

É nesses termos que os professores têm encontrado dificuldade em lecionar nas escolas, primeiro porque todos os materiais são de cunho linguístico português e em segundo, muitos professores apresentam dificuldades na fala das línguas Bantu dos seus alunos. As línguas africanas como diz Kanusse (2022, p. 60): “[...] são faladas por diferentes grupos etnolinguísticos distribuídos geograficamente pelas 18 províncias” de Angola.

Segundo Kanusse (2022, p. 63) refutando sobre a distribuição das línguas nacionais, afirma que:

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatísticas de Angola (INE, 2014), as línguas bantu mais faladas são: o Umbundu (22%), o Kikongo (8%), o Kimbundu (7%), o Cokwe (6%), o Nhaneka (3%), o Ngangela (3%), o Fiote (2%), o Kwanhama (2%), Muhumbi (2%), Luvale (1%), (Kanusse, 2022).

É no meio destas línguas nacionais, distribuídas no país, que os professores têm se adaptado para desempenhar o seu papel profissional. Nas zonas rurais, muitos dos professores têm conseguido lecionar obtendo sucesso, na grande maioria têm acolhido fracasso. Um enorme esforço tem sido empregado a maneira do sistema de ensino jesuíta baseada na decoração forçada. O que se tem feito é dividir o alfabeto em blocos, isso mesmo em blocos para ser lecionado em dois anos. Exemplo, o professor durante o ano ensina o alfabeto, mas apenas as letras A B C e D. Nesse ritmo por conta de outras disciplinas do currículo, o ensino do Alfabeto português pode ser interrompido e os alunos, já que tem o mesmo professor até a 4ª classe, podem chegar a decorrar o Alfabeto português e sem sucesso durante quatro anos.

2.2. A aprendizagem dos alunos que se encontram em zonas rurais e as dificuldades em assimilar os conteúdos escolares

Mas as dificuldades de aprendizagem da LP ocorrem em todos níveis, até porque as dificuldades encontradas nas classes iniciais se fazem sentir nas classes mais adiantadas. Um dos grandes problemas a relatar é a LP que é a língua segunda para a maioria das crianças. As crianças falam uma LB em casa, na rua quando vão à escola, e só falam português na sala de aulas, com o professor (Timbane, 2015, p. 95).

Para Timbane (2015), a dificuldade que os alunos apresentam em aprender a disciplina de Língua Portuguesa (LP) nas classes iniciais se estende por todos os níveis de ensino que os sequentemente poderão estar. O facto é que as crianças convivem e dialogam usando mais a Língua Bantu (LB) e o português só ouvem na escola. Essa é uma das razões que tem feito com que os alunos apresentem fraca assimilação escolar. Já não basta o professor ter dificuldades nas Línguas nacionais, mas também terá que suportar o facto de que deverá se adaptar, mesmo com um sentimento de fracasso de um trabalho difícil, sem material didáctico que o possa ajudar a estar perante os seus alunos.

Quando os alunos não correspondem com as expectativas do professor duas coisas podem ocorrer, uma é poder aprovar todos alunos, duas, fazer reprovar por incapacidade de aprendizagem. Nessas linhas Timbane (2015, p. 100) diz: “não é pelo facto de que a criança não sabe dizer: raiz, caule, folhas, flores e frutos em

português que devemos reprová-lo e condená-lo a repetir o ano. Aliás, a criança já sabe nomear essas partes da planta na sua língua local e até conhece os tipos de raiz, de caule, de flores e de frutos na sua língua materna”

2.3. Metodologias eficazes que facilitam a aprendizagem do alfabeto português nos alunos que se encontram nas zonas rurais

Nesse capítulo falaremos sobre os métodos que possam preencher as lacunas dos professores de modos a darem passos significativos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos em zonas rurais conforme nos ajuda Kanusse (2022, p.98) ao dizem que “é preciso conteúdos e métodos inovadores de modo a tornar as aulas atrativas, e proporcionar ou despertar aos alunos disposição de aprendizagem.”

Diante do quadro já apresentado nos capítulos acima, estamos em altura de apresentar os métodos uteis para alfabetizar num contexto em que predomina uma língua nacional.

O primeiro passo é aprender a língua materna dos alunos. O professor por ser um artista e alguém que está sempre se atualizando e se preparando para novos desafios, deve aprender o meio de comunicação que seus alunos usam diariamente porque os tais têm a concepção do que é o mundo a partir de sua língua materna. Se o professor tiver munido da ferramenta linguística da comunidade a lecionar, poderá levar os seus alunos a entender melhor o Alfabeto português,

e se assim for, concordará com Timbane (2015, p. 101) quando diz que “O princípio da educação bilíngue é o seguinte: “quando o aluno tiver adquirido habilidades cognitivas e linguísticas na língua materna, e quando tiver as habilidades básicas de comunicação na segunda língua, pode transferir todas habilidades cognitivas e linguísticas para língua segunda”.

O segundo passo é a sincronia de línguas. O professor após ter o melhor ou o básico do vocabulário da língua bantu de seus alunos, deve fazer a ligação das línguas para que os vocabulários da Língua portuguesa sejam aprendidos com ajuda do Umbundu ou Cokwe. Por exemplo, parafraseando Kanusse (2022, p. 88), os cultos em certas comunidades religiosas são feitos em duas modalidades, a onde o orador ou pregador os fazem em duas línguas portuguesa e Ngangela ou Kimbundu. Na aula, o professor deve fazer o mesmo arranjando meios para que sua aula se valha dos recursos que a língua dos alunos possui.

O terceiro passo é a criação de materiais didáticos. Nesse ponto, o professor aplica a sua criatividade para elaborar um material didático para ser apresentado aos alunos, tendo em conta as duas línguas. Exemplo: Com uma cartolina, o professor pode desenhar a letra A num lado e no outro, uma ou mais palavras que iniciam com a letra A em língua nacional. Em alguns casos, que se usem palavras estejam próximas a letra que queremos ensinar.

Quadro 1. Exemplo metodológico

LETRAS DO ALFABETO PORTUGUÊS	VOCABULÁRIO UMBUNDU
A	Amiko
B	Ndecí o ombo ilila (mbéee)

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

O quarto passo é a composição de canções. Não existe ser humano que não gosta de uma boa música (Canção). Outra vez o professor usa as suas habilidades para compor hinos e melodias que possam facilitar a sua aula, usando as duas línguas para que os alunos que estiverem no ambiente da canção em Kikongo seja o mesmo em Português vice-versa. Essa ferramenta é valiosa porque permitirá com que o aluno agregue um conjunto de vocabulário que o ajudarão em aprender o português e posterior a sua língua materna.

3. METODOLOGIA

O presente estudo tem carácter descritivo, pois teve como foco a observação, o registo e a análise das características do fenómeno investigado, sem manipular. Para garantir uma compreensão abrangente da situação problemática, adaptou-se uma abordagem de métodos mistos (quali-quantitativo), combinando dados numéricos e textuais. A vertente quantitativa permitiu a recolha de dados numéricos. Estes dados foram submetidos a tratamento estatístico descritivo. Para identificar padrões e tendências gerais. A vertente qualitativa complementou esta análise, focando-se no aprofundamento das percepções, experiências e nos fenómenos, através de entrevistas observação directa em sala de aula. Estes dados permitiram interpretar as nuances e o contexto do estudo. A triangulação destes dois tipos de dados permitiu uma descrição mais robusta e detalhada. Validando os resultados estatísticos com a profundidade da análise qualitativa.

Segundo Da Fonseca e Sonia (2016, p. 43), a metodo-

logia constitui o estudo dos métodos, é o conjunto das acções de investigação das diversas ciências, quanto aos seus fundamentos e validade, diferenciando-se das técnicas que são aplicações exclusivas dos métodos. Com efeito, a metodologia é a reflexão crítica sobre o como e porquê do conhecimento ser construído de determinada forma.

3.1. Seleção da amostra

Para a selecção da amostra usou-se o critério de amostragem não probabilística do tipo intencional. Numa população de 141 indivíduos, foi possível seleccionar intencionalmente 27 indivíduos, por se identificarem melhor na pesquisa, no entanto, estes indivíduos trabalham em zonas recônditas onde se reconhece a prática do assunto em estudo, locais onde obtivemos os dados da nossa pesquisa.

3.2. Métodos de recolha e análise de dados

Para a presente pesquisa foi possível coletar dados por meio de entrevista e questionários. Entretanto, os resultados das entrevistas foram analisados por meio de análise de conteúdo e os resultados dos questionários aplicados, foram analisados pela ferramenta da MS Excel, dessa análise feita, os dados foram apresentados em forma de gráficos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

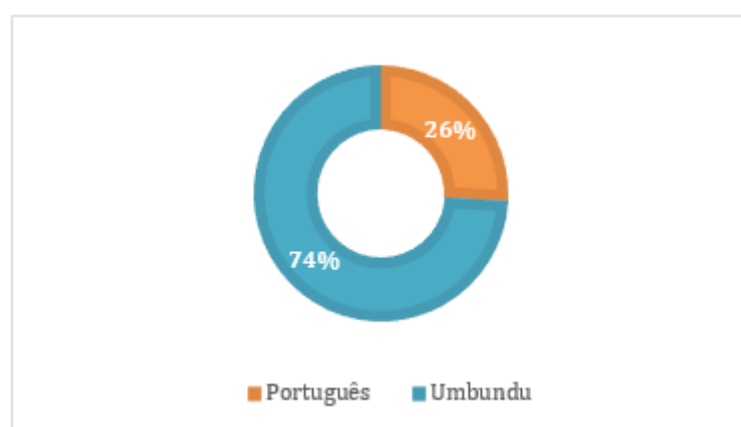
Em seguida apresentamos os resultados da pesquisa feita nas comunidades investigadas nas províncias como Huambo e Bié, bem como alguns municípios, comuna e aldeia pertencente a estas duas províncias.

Quaadro 2. Distribuição de províncias, Municipio e Aldeia do local de pesquisa

PROVÍNCIA	MUNICÍPIO	COMUNA	ALDEIA
HUAMBO	Londuimbali	--	Kanjonde
	Chilata	Chilata	Gombe Alamba
	Cachiungo	Nambambi	
	Chicala Choloanga	Sambu	Ekunda Kanjombo
BIÉ	Chinguar	Kutato	Chinjila
	Chinguar	--	Kamoco Velha

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Grafico1. Que língua é de maior influência para os alunos que vivem nessa nessa aldeia?

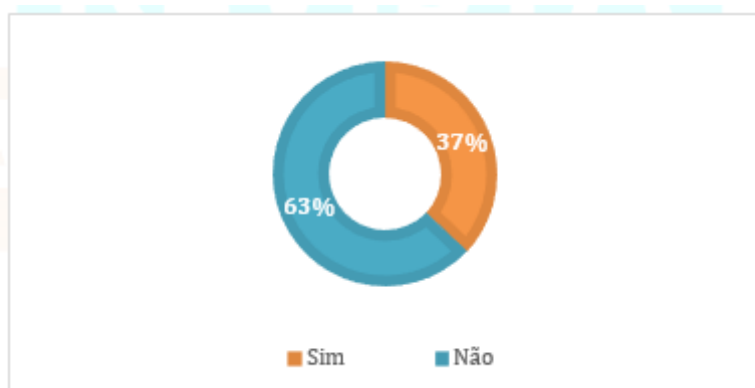


Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Conforme o gráfico apresentado acima, 26% dos professores entrevistados afirmaram que a maior parte dos alunos residentes nas aldeias falam a língua Portuguesa apenas na escola e cerca de 74% dos alunos falam Umbundu no seus convívios sociais e familiares, tendo a língua Umbundu como língua materna que para Timbane (2015 p.93), “[...]São crianças que en-

tram na escola e ouvem as primeiras palavras em LP aos 7 anos e com o professor. Isso faz com que sintam dificuldades enormes na aprendizagem não só de português como disciplina obrigatória, mas também pelo facto da LP ser exigida nas restantes disciplinas curriculares[...]

Grafico 2. Os professores têm o domínio da língua materna de seus alunos?

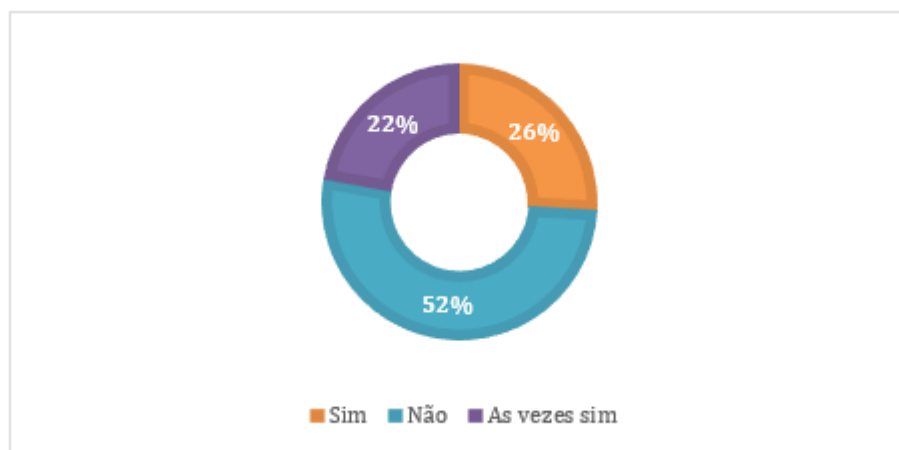


Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Dos professores entrevistados cerca de 37% disseram que tinham uma pequena fluência da língua Umbundo devido o esforço que têm feito por conta do contexto em que se encontram para leccionar e 63% que constitui a maioria dos professores, responderam serem paupérrimos na fala da língua Umbundo e por conta disso os alunos dão curtos passos significativos na aprendizagem. E, na perspectiva Zilles e Faraco (2015,

p. 33) citado por Kanusse (2022, pp. 37,38), recomendam que “os professores desenvolvam uma pedagogia da variação linguística, a partir do reconhecimento de que não existem erros nos usos que os falantes fazem de sua língua materna, sendo necessário desconstruir modos de pensar equivocados, principalmente no trabalho escolar com a linguagem” Kanusse (2022).

Gráfico 3. A língua Umbundu têm sido uma ferramenta para os alunos aprenderem o Português?



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Parte dos participantes da entrevista responderam que têm usado a língua materna dos alunos durante as aulas que correspondem a 26%, cerca de 52%, por não compreenderem a língua dos fluente nos seus alunos, não têm conseguido usar na ministração das aulas e 22% dos professores as vezes têm usado a língua Umbundu

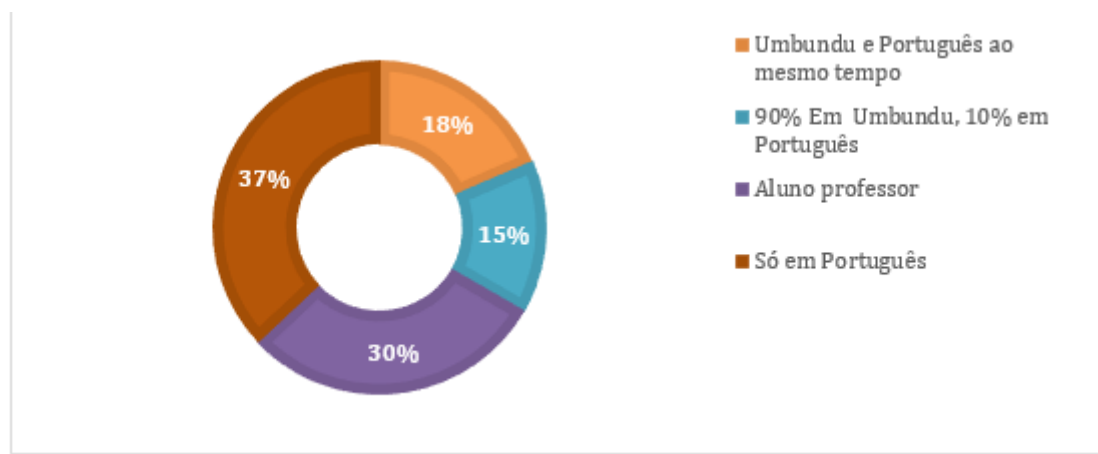
durante as aulas e com isso têm tido proveito para a aprendizagem dos alunos. Um professor na aldeia de Kanjonde no Município de Londuimbali, Província de Huambo, trabalhou com cerca de 120 alunos para alfabetiza-los, só sete puderam aprender um pouco mais porque os mesmo já sabiam ler um pouco. Com

eles é que se avançou no próximo processo dando a eles conteúdos mais avançado. Kanusse (2022, p. 94), faz uma crítica ligado a formação de professores com o seguinte teor:

[...]em Angola os professores são formados nas Escolas de Formação de Professores (E.F.P), e nos Institutos Superior de Ciências de Educação (I.S.C.E.D), entretanto nessas instituições até ao momento não há

curso voltados para as línguas angolanas, mais precisamente, na área de Letras existem apenas os cursos tradicionais, como Letras português, francês e inglês. Assim sendo, poderíamos levantar uma questão, onde são formados os professores que ensinam as línguas angolanas, se não há um curso de licenciatura das línguas angolanas (Kanusse, 2022).

Gráfico 4. Quais são as metodologias que os professores têm usado na ministração das aulas?



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

18% dos entrevistados têm usado as duas línguas ao mesmo tempo para ministrar as aulas, 15% têm usado Umbundu na totalidade para explicar a matéria nos alunos e raramente usam o Português, apenas em situações em não possuem o domínio de certos vocábulos da língua Umbundu. De lembrar que esses são um grupo de professores que dominam minimamente a língua nativa de seus alunos, 30% dos professores têm trabalhado com alunos que possuem domínio do português para ajudar seus colegas a esclarecer certos pontos em língua Umbundu e já 37% usam na integra o português durante o tempo de aula. Há uma grande urgência do professor aprender as línguas nacionais para que dinamize o processo de aprendizagem dos aluno nas zonas recônditas. Fazendo uso das palavras do professor Bernardo citado por Kanusse (2022, p. 50) quando observava uma aula de Língua Portuguesa na província do Uíge declarou que:

Em sala de aula, o professor começou por falar sobre formação de palavra aos alunos e colocou no quadro algumas palavras soltas, de modo que eles pudessem formar palavras. Considerando que a explicação do

professor tinha sido dada em língua portuguesa, os alunos não perceberam o que realmente deveria ser feito. O professor insistiu e a explicação não surtiu efeito. Notei que o docente receava explicar em língua nacional com receio de ser informado à Delegação Provincial da Educação. Estendeu um olhar demorado sobre mim até que pedi a ele que fizesse o seu trabalho à vontade. Como tem sido já sua prática, quando os alunos não entendem determinados assuntos, ele recorre à língua kimbundu; e assim o fez. Com a explicação nessa língua foi possível a compreensão e a realização da tarefa (bernardo, at al., 2019 citado por Kanusse, 2022).

CONCLUSÃO

Após a análise dos resultados da pesquisa, conclui-se que existe uma lacuna metodológica crítica no ensino do alfabeto português para alunos de zonas rurais que têm maior fluência em línguas nacionais, como o Umbundu, para o caso em concreto do estudo. O baixo aproveitamento de aprendizagem nessas regiões está

directamente ligado à dificuldade dos professores em leccionar em contextos multilíngues.

A pesquisa revelou que a maioria dos alunos fala Português apenas na escola (74% falam Umbundu no convívio social e familiar). Além disso, 63% dos professores admitem ter pouca fluência na língua materna dos seus alunos, e 52% não conseguem usar a língua nacional como ferramenta de uma aula. Isso força os professores a recorrerem a métodos ineficazes, como a "decoração forçada".

O presente estudo propõe que os professores devem

aprender a língua materna dos alunos e empregar metodologias inovadoras, como a sincronia de línguas (o bilinguismo), a criação de materiais didáticos que considerem ambas as línguas, e a composição de canções bilíngues. O uso das línguas nacionais é fundamental, pois preenche uma necessidade literária e se constitui como uma ferramenta pedagógica essencial para mediar a aprendizagem do alfabeto português, garantindo um processo mais eficaz e contextualizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Angola. (2016). Lei n.º 17/16: Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino. Diário da República, I Série, n.º 170.

Da Fonseca, J.J e Da Fonseca, S. (2016). Didáctica Geral. Sobral. 1ª Edição

Grilo, L.M.A., et al (2018). Guia Metodológico de apoio à Zona de Influência Pedagógica – ZIP. Luanda. 2ª Edição.

Kanusse, E.F. (2022). Ensino de Língua Portuguesa no Namibe (Angola): a educação sobre a perspectiva da interrelação entre língua e sociedade. Salvador.

Pereira, A.S., et al (2019). Didáctica Geral. Santa Maria/RS. 1ª Edição

Timbane, A.A. (2015). A complexidade do ensino em contexto multilíngue em Moçambique: políticas, problemas e soluções. Calidoscóp. Brasil